

Por uma poética do exílio¹. Cumplicidades migrantes através do diálogo epistolar entre escritores haitianos e quebequenses²

Józef Kwaterko³

Recebido 10, jun. 2012 / Aprovado 20, jun. 2012

Resumo: Em 1996, as edições CIDIHCA publicam *Dialogue d'île en île. De Montréal à Haïti*, uma série de troca de cartas entre quatro romancistas e quatro poetas, quebequenses “natos” e os de origem haitiana estabelecidos no Quebec nos anos 1960 e 1970: Jacques Godbout e Émile Ollivier; Monique Proulx e Dany Laferrière; Paul Chamberland e Serge Legagneur; Jacques Brault e Jean-Richard Laforest. Propomos desvelar, a partir dessa necessidade de troca e de ecos experimentada por escritores que não pertencem (ou não completamente) à mesma cultura, uma situação verdadeiramente “pós-exílica”, marcada muito mais por preocupações literárias comuns que pela condição “insular” (minoritária) dos francófonos na América.

Palavras-chave: correspondência; diálogos Haiti e Quebec; escritores migrantes; literatura do Quebec.

Abstract: In 1966, CIDIHCA editions published *Dialogue d'île en île. De Montréal à Haïti*, a series of letters exchanged by four novelists and four poets, some who were born in Québec, and others with Haitian origin who were established in Québec in the 1960's and 1970's: Jacques Godbout and Émile Ollivier; Monique Proulx and Dany Laferrière; Paul Chamberland and Serge Legagneur; Jacques Brault and Jean-Richard Laforest. We propose to unveil, from this necessity of exchanging and from the echoes experimented by the writers who do not belong (at least not completely) to the same culture, a truly “post-exile” situation, marked much more by the ordinary literary concerns than by the insular condition (from the minority) of the francophone in America.

Keywords: letters, dialogues Haiti and Québec; migrant writers; Quebecois Literature

Résumé: En 1996, les éditions CIDIHCA publient *Dialogue d'île en île. De Montréal à Haïti*, une série d'échanges des lettres entre quatre romanciers et quatre poètes, Québécois “de souche”, et ceux d'origine haïtienne, établis dans les années 1960 et 1970 au Québec: Jacques Godbout et Émile Ollivier; Monique Proulx et Dany Laferrière; Paul

Chamberland et Serge Legagneur; Jacques Brault et Jean-Richard Laforest. Nous nous proposons de dégager à travers ce besoin d'échange et d'échos éprouvé par des écrivains n'appartenant pas (ou pas tout à fait) à la même culture une situation véritablement "post-exilique", marquée davantage par les préoccupations littéraires communes que par la condition "insulaire" (minoritaire) des francophones en Amérique.

Mots-clés: correspondance; dialogues Haïti et Québec; écrivains migrants; littérature du Québec.

Com exceção dos anais de colóquio, trabalhos monográficos, dossiês críticos de revista, capítulos de história literária, entrevistas, bibliografias, ou até mesmo um dicionário consagrado aos escritores imigrados, a literatura de imigração no Quebec não foi verdadeiramente abordada a partir de trocas epistolares⁴. A única correspondência publicada até hoje é *Dialogue d'île en île. De Montréal à Haïti*⁵. Lançada em 1996, reúne uma série de cartas trocadas entre quatro pares de escritores, romancistas e poetas, quebequenses "natos" e de origem haitiana estabelecidos no Quebec a partir dos anos 1960 e 1970: Jacques Godbout e Émile Ollivier, Monique Proulx e Dany Laferrière, Paul Chamberland e Serge Legagneur, Jacques Brault e Jean-Richard Laforest. Um único encontro prévio os havia reunido em pares para um programa de rádio do canal cultural FM da *Radio-Canada*. Após esse encontro, as cartas foram realmente enviadas. O volume contém, assim, trocas epistolares que continuaram durante algumas semanas, as duas primeiras ocorridas em 1987 e as duas últimas em 1990, todas durante o inverno.

O fato de essas cartas terem sido editadas somente seis anos mais tarde, em 1996, não oculta um efeito de campo literário no Quebec, notadamente sua abertura cada vez mais sensível à pluralidade de vozes que aí se expressam. É a partir dos anos 1990 que vemos nascer, de fato, uma profusão de publicações que interrogam a alteridade na cultura e literatura quebequenses, e que se situam como prolongamentos dos estudos fundadores de Michel Morin e Claude Bertrand, Pierre Nepveu, Simon Harel e Sherry Simon,⁶ assim como debates sobre a transcultura no seio da revista *Vice Versa* (1983-1997).⁷ Parece que a ideia de editar essas cartas a partir dos esforços conjuntos de uma instituição cultural comunitária (Centre International de Documentation et d'Information Haïtienne, Caribéenne et Afro-Canadienne) e do canal francófono da *Radio-Canada* visa, sobretudo, a reforçar a política de integração dos escritores imigrados no Quebec,

a fim de colocá-los em relação, estabelecer “zonas de contato” e laços duradouros e, ao mesmo tempo, levantar diferenças marcantes oriundas dos efeitos da imigração que participam do processo de negociação intercultural.

Ora, o fato de dar ao *Dialogue d'île en île* uma forma epistolar que adota, de imediato, uma perspectiva íntima, não deve ocultar os contatos pessoais prévios entre vários signatários dessa correspondência. Nesse sentido, devemos assinalar que muito antes de serem etiquetados como “escritores migrantes”, Ollivier, Legagneur e Laforest são exilados haitianos de longa data, estabelecidos no Quebec nos anos 1965-1966 após terem sido expulsos pelo regime duvalierista e terem realizado uma intensa atividade literária e política no Haiti. No momento das trocas, eles têm entre 50 e 57 anos e moram há mais de um quarto de século na mesma cidade em que Godbout, Chamberland e Brault (nascidos entre 1930 e 1940). Além dessas afinidades eletivas no plano geracional e da prática do gênero literário (romance e poesia), teceram-se entre eles solidariedades políticas, cumplicidades “militantes”, assim como uma proximidade de posições – anti-imperialistas, socialistas, terceiro-mundistas ou neonacionalistas – expressadas no seio das revistas *Parti pris* ou *Liberté* e nas revistas fundadas no Quebec por intelectuais haitianos nos anos 1970, como *Collectif Parole* e *Nouvelle optique*, nas quais Ollivier e Legagneur tiveram um papel muito ativo.⁸ Dany Laferrière, também exilado político, tem a mesma idade (36 anos) que Monique Proulx no momento de suas trocas em 1988. Ele vive há 12 anos em Montreal; ela, há quatro, após ter deixado Quebec, sua cidade natal. Tendo ambos conhecido um difícil começo de carreira no mundo literário da metrópole, possuem obras de sucesso (*Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer*; *Eroshima* e *Sans cœur et sans reproches*; *Le sexe des étoiles*, respectivamente) e são atraídos por problemas de identidade (cultural e sexual), assim como pela exploração interior, subjetiva, da paisagem urbana de Montreal e de sua mistura multiétnica.

Quando consideramos todos esses fatores, entrevemos, forçosamente, um poderoso horizonte de espera segundo o qual, e graças a esta publicação, essas “falas daqui e de acolá” convergiriam, magnetizadas por uma temática minoritária em partilha, por uma situação “insular” ou “periférica” comum, ou ainda, se reabsorveriam graças às transferências Norte-Sul, assumidas apesar das diferenças,⁹ por tudo o que colocaria, em suma, a alteridade de uns e outros no mesmo plano, sob a insígnia de um “nós”, de uma solidariedade haitiana e quebequense.

Ora, cabe dizer que o que caracteriza, antes de tudo, essa correspondência, são uma temática da escrita e reflexões sobre o trabalho criador individual e o ofício de escritor. Em outras palavras, estamos diante de confidências íntimas que quase nunca tratam das cumplicidades políticas e ideológicas de outrora e que evitam toda referência explícita à atualidade política do Quebec e do Haiti.¹⁰ Nesse sentido, *Dialogues d'île en île* instaura um jogo que permite a todos os participantes aceitar essa correspondência “privatizada” sob encomenda como ocasião de se renovar e de melhor se conhecer a partir de uma experiência de desfamiliarização que não exclui contradições.

O que relança a troca entre Jacques Godbout e Émile Ollivier são lembranças pessoais. Antes de tudo, a do primeiro encontro que tiveram no outono de 1965. Acalentando a esperança de se abrigar em Montreal, de fazer ali uma escala antes de se instalar em Paris, Ollivier se lembra de Godbout falando-lhe, então, com lucidez, de uma ancoragem no Quebec e de uma experiência-limite: “Você vai fazer como todo bom imigrado: você vai encontrar trabalho, fundar uma família e seus bisnetos serão bons canadenses-franceses” (*DII*, 12). A partir dessa reminiscência, os dois escritores entram rapidamente em seus universos romanescos recíprocos e encontram facilmente o que os aproxima. Segundo Ollivier, os romances de Godbout se referem à sua própria realidade de exilado pelo tema da viagem, a relação com o outro, o sentimento de “desconforto de ser quebequense francófono na América” (*DII*, 13), assim como pela situação de um “ser minoritário em busca de fragmentação, de abertura e de realização” (*DII*, 13). Ele encontra afinidades com Gregory Francoeur, de *Une histoire américaine*, “bela figura de utopista planetário que se alegra com a ideia de ultrapassar as fronteiras humanas” (*DII*, 21). Já Godbout entende que a escrita de Ollivier é alimentada pela dúvida e pela exploração (“buscas, pesquisas, escavações no antiquário do mercado de ferro, mergulhos no mar do Caribe” – *DII*, 24). Ele evoca, do mesmo modo, imagens, cores, cheiros e personagens que povoam *Mère-Solitude* e *La Discorde aux cent voix*, de Ollivier, e que o mergulham em um universo que lhe é familiar “no sentido primeiro do termo, da família” (*DII*, 15), porque incrustado em sua biografia: com 22 anos, de volta da Etiópia, Godbout permaneceu no Haiti com sua mulher, jovem estudante haitiana com quem havia se casado três anos antes. A carta de Ollivier abre nele, também, “comportas de um enorme recalçado” (*DII*, 15):

Por que – interroga-se – nunca ousei, até hoje, me apropriar pela escrita da ilha de sua infância? Um escritor parisiense não teria tido nenhuma dificuldade em transformar nossas respectivas paisagens em romance francês. Será que é porque nós somos da periferia que não sabemos transgredir as fronteiras? Você se sente escritor quebequense recalcado assim como me sinto escritor haitiano interdito? Não teremos jamais o bastante dessa emissão para atualizar a arqueologia de nossas obras. (*DII*, 16)

Desde então, a partir dessa interrogação sobre a impossibilidade de se arrancar de si mesmo, de sua paisagem sociocultural, uma assimetria se instala entre os dois escritores e uma polêmica cortês se deixa ler entre as linhas. Romancista, Godbout se define como um “intelectual”, como um bobo da corte que diz verdades perturbadoras. Ele sente todo o risco de cair em uma visão exotizante do outro, de violar a intimidade de um país marcado por uma espiritualidade profunda e onipresente:

Escrevendo-me outro dia, você se transformou, sem saber, em exorcista. Entendi que a história do Haiti nos escapa a todos e que não posso me excluir dela tendo nascido em Côte-des-Neiges. Não penso que se possa ser, justamente, romancista e crente [...] Me proibi até hoje de falar do Haiti, porque por pudor, imaginava que era preciso habitar o sobrenatural para falar dele com honestidade. (*DII*, 24)

Para Ollivier, essa problemática de impedimento de se projetar no outro, de se apropriar pela escrita de um espaço cultural radicalmente diferente do seu, é infinitamente mais complexa e irreduzível do que a problemática da impostura ou do exotismo. Ele se interroga sobre os diferentes sentidos da palavra “recalcamento” no que diz respeito à sua condição de escritor em exílio. Recusa, de início, o primeiro sentido, o de interdição de acesso às fronteiras de uma cultura nacional. Mesmo que não tenha o que reclamar da boa recepção de suas obras no Quebec, está consciente dos mecanismos de exclusão dos escritores minoritários em uma literatura, ela mesma, minoritária. Se recalca “uma pulsão, um desejo de ser um escritor quebequense”, é, sobretudo, por temor à univocidade, à unanimidade, e “para escapar da armadilha da macaquite” (*DII*, 19). Aceita a ideia de

recalcamento somente ao desviá-la de seus sentidos usuais, como o de “soquete”, que designa uma ferramenta usada na liga de diversos metais e que pode traduzir, de modo metafórico, sua própria situação de mediador cultural: “Migrante enraizado no Quebec, me tomo por Paracelso, reúno as substâncias secretas, empilho pedras especulares [...]” (*idem*). Ao fim de 25 anos de exílio, sua relação com o Haiti também mudou: a luta contra o desenraizamento e a expatriação e a certeza de poder agir com seus colegas de exílio sobre o destino de seu país natal e aí voltar cederam lugar ao sentimento de aceitação de seus múltiplos pertencimentos, o de ser fiel como escritor a um único país, a escrita, “uma pátria feita de palavras, de linguagem” (*idem*).¹¹ Nesse sentido, é significativo que, em sua última carta, Godbout interrogue Ollivier sobre sua relação com a língua de escrita: “A propósito, meu caro, o que fizemos do crioulo e do *joual*, você e eu?” (*DII*, 25). Ora, contrariamente a todo fantasma da língua de origem e, sobretudo, a do minoritário, Ollivier não adere à ideia de defesa identitária através do retorno à língua de origem. Ao modo de Kafka, confessa suas impossibilidades. O crioulo materno, língua natural que precede todas as outras, o habita sempre, mas estando desterritorializada, lhe é impossível praticá-la na escrita; o *joual* vernáculo lhe é muito distante (“admiro seu verdor, sua vivacidade, mas me coloco pudicamente à beira de seu poço”, *DII*, 27); o espanhol e o inglês são línguas próximas que conhece, permanecendo, contudo, estrangeiras. O francês continua, então, a língua “paterna”, a outra língua, a que lhe permite navegar em um entre-dois – em um espaço intersticial, lá onde um imaginário das línguas (no sentido de Glissant) pode se desdobrar, permitindo-lhe, como confessa, “perseguir uma quimera”, o sonho “de ser único em minhas múltiplas línguas” (*DII*, 27), para encontrar sua voz e expressar sua relação com o mundo.

As seis cartas trocadas entre Dany Laferrière e Monique Proulx em fevereiro e março de 1988 se distinguem das precedentes sobretudo pela expressão imediata da personalidade, através de um estilo em que predominam a desenvoltura e a espontaneidade. A comunicação se faz de imediato: “Querida e terrível Monique – começa Laferrière – [...] Imediatamente, percebi em você um som que me é familiar. Nosso itinerário pode ser bem diferente, mas te sinto em algum lugar. Algum lugar onde? Talvez em lugar nenhum. Lugar nenhum... belo canto, hein?” (*DII*, 34). “Sim – responde ela, desmascarando o subterfúgio da forma epistolar – corresponder não é uma palavra tão inepta assim. Sinto-nos bastante correspon-

dentes e repletos de estima um pelo outro. Não precisaremos fingir. Que bênção!” (DII, 36). Montreal constitui o lugar principal das primeiras cartas em que os dois evocam sua respectiva chegada, marcando o começo de uma aventura literária. Para Laferrière, que não escamoteia suas dificuldades de integração, a cidade age sobre ele como um teatro de sensações, funcionando, ao mesmo tempo, como o lugar de seu próprio espanto de se descobrir negro, o de seu nascimento como escritor e do desejo de conquistar, através da escrita, o novo território: “Montreal sempre me pareceu uma menina inteligente e audaciosa e isso, mesmo quando alguma coisa ia mal para mim” (DII, 33). De igual modo pensa para Monique Proulx, acreditando que se instalar em Montreal é uma verdadeira libertação de Quebec: “cidade de cartão postal e de tranquila beleza” (DII, 35), um lugar prazeroso que lhe permitiu tornar-se “vidente” através da escrita e que, de imediato, a encantou pelo seu hibridismo cultural com sua confusão de signos heteróclitos:

Vejo bem Montreal, se comparada a uma mulher, como uma *bag lady* bastante sulfurosa que tem em suas bolsas de mendiga um monte de tudo aquilo que se pode imaginar de melhor e de mais abominável: cabeças de assassinos e de madres superiores, cheiros de *souvlaki* e de monóxido de carbono, arquiteturas bizarras, ruas Laurier, ruas Sanguinet, queijo *bourseault* e *balonay*, kitsch aos montes. Escolhi habitar aqui por conta das imagens. Aqui, isso rebenta e fervilha, não é nunca congelado no esteticismo. Você para em algum canto da rua e o filme se desenrola continuamente. (DII, 35)

Essa sensibilidade visual e a meticulosa atenção às imagens de toda parte vão alimentar, até às últimas cartas, uma conversa sobre o trabalho de roteirista que ambos praticam, sobre a relação entre o texto e a imagem, sobre a esquematização e o estreitamento incontornável do texto ficcional adaptado ao cinema – concessão à qual é preciso se acostumar, mas que não modifica, necessariamente, a mira primeira do escritor: “[...] não há embate, não há antagonismo evidente entre as imagens e a literatura” (DII, 40), responde Proulx aos receios de Laferrière de não se reconhecer no humor de seu primeiro romance adaptado ao cinema. Cumplicidade e desprendimento semelhantes se deixam ler quando essas conversas abordam os escritores e as leituras que mais os marcaram. Perturbado

pela morte recente de seu amigo Patrick Straram, Laferrière dedica-se, diretamente, a evocar aqueles que dominaram seu pensamento e que compõem, com o sofrimento, a velhice e com alguma coisa de indomável, em sua paixão pela vida: “Três rapazes dominam minha vida: Borges, o velho cego de Buenos Aires com olhos furados pela cultura, Bukowsky, o vagabundo de Los Angeles e Straram, esse mendigo celeste” (*DII*, 42); “Ontem à noite, refleti sobre esses três tipos, Borges, Bukowsky e Straram, e o que dá unidade à minha vida, é a elegância. São rapazes que colocam o estilo no ponto mais alto e o estilo, Monique, é minha vida” (*DII*, 44).¹² Monique Proulx não se deixa, necessariamente, subjugar pela ideia de adequação entre a escrita e a vida, nem por essa recorrente figura mítica do escritor que vive do álcool como carburante indispensável a uma alucinante verdade. Confessa honestamente que os três ídolos de Laferrière lhe inspiram “uma espécie de terror admirativo” que a remete à sua própria “insignificância literária”, mas ainda acrescenta: “[...] nenhum deles jamais chegou a fazer nascer, em mim, essa rajada de felicidade que sinto no verão diante da primeira cantoria da estação. A literatura tem limites” (*DII*, 45). Em compensação, compartilha com Laferrière o apego ao valor do estilo de escrita, não se deixa enganar pela inflação do estilo em “um mundo de videocliques”, onde, mesmo para os críticos, “o estilo é uma perigosa digressão” (*DII*, 46). Continuando sobre os livros e escritores de predileção, coloca em primeiro plano Albert Cohen, escritor migrante e pluricultural por excelência (de família judia de Cefalônia, nasceu em Corfu em 1895, emigrou para Marselha e em seguida instalou-se em Genebra onde morreu um pouco esquecido em 1981) de quem aprecia, sobretudo, a liberdade de engajamento em uma língua inventiva e original:

Releio as páginas de seu *Belle du Seigneur* quando a literatura de hoje me deprime, quando me pergunto aonde vou e por que e por quem. Isso me causa o mesmo efeito, sempre. Afundo na beleza das palavras, a emoção me faz rir, digo que é assim que eu gostaria de saber brincar, digo que é no seu caminho, luminosamente espinhoso, por onde vou no meu pequeno jeito de ser... (*DII*, 46).

As cartas que se enviam os poetas Jean-Richard Laforest e Jacques Brault entre fevereiro e abril de 1990 são mais interessantes sob o ponto de vista dos

modos de figuração da alteridade e do deslocamento.¹³ Elas adquirem uma tonalidade poética que permite reconhecer uma continuidade entre o registro epistolar e a criação literária dos correspondentes. A troca entre eles se organiza em torno do tema da América como “território imaginário”, reservatório de imagens e de referências memoriais que incitam Laforest e Brault a colocar em relação suas identidades plurais. O que aí parece significativo e original é que, para ambos, falar da América como terra de mestiçagem põe em movimento a França e se estende à Europa. Desde a primeira carta, Laforest toma emprestado das lembranças de seu refúgio no Quebec em 1966 uma temporalidade biográfica e histórica que retém o passado e o ultrapassa pela consciência das ramificações do que ele chama “nossas Américas”. A França e a África intervêm, primeiro, como um preâmbulo histórico, doloroso, mas indispensável para reconhecer seu próprio devir híbrido, sua “América” interior que, segundo sua confissão, enlaça:

[...] meu passado campesino nas florestas do Loire [e] os navios negreiros
[...] trazendo no porão meu futuro, até as margens do Haiti.

Hoje, escrevo, leio, trabalho aqui. Toda a minha vida de vigília derrama-se ao Norte enquanto minhas camas se estendem ao Sul [...] é o Mestiço que sonha em mim. Sou essa mistura da América, abraçado ao vento e a todos os corpos da mestiçagem. (*DII*, 81-83)

Jacques Brault recompõe uma mesma deriva, fundadora de sua mestiçagem, a partir da lembrança de seu período de estudos na França, onde se descobre americano:

Você diz perfeitamente [...]: [...] Arrancado de sua África [...] como eu poderia ter dito ‘meu’ Poitou [...]. Lugares improváveis, irrealis por estarem distantes, sobretudo na imaginação. E presentes, entretanto, participando da sua e da minha mestiçagem, ambos americanos embasbacados de o serem [...] Assim como eu estava; rebento de degredado com índia algonquim, pequeno rato de beco apaixonado por grego e latim, gelo de goteira onde se ilumina um reflexo de Mediterrâneo. Sim, Jean-Richard, que mestiçagem! [...] Somos, acredito, ambos mestiços da América, mas há várias Américas, onde se colore, diversamente, o sonho de uma outra vida. (*DII*, 85-86)

É importante observar que, para ambos os poetas, a América deixa de ser a “cena primitiva” da mestiçagem primordial, da mistura propriamente étnica oriunda do processo de colonização, e torna-se uma metáfora composta de cada espaço intermediário favorável à mediação cultural e à exploração do desconhecido. Como expressa Jacques Brault:

Minhas Chinas e meus Japões, aonde quis me levar uma longa navegação imaginária, afundaram atrás da linha do horizonte. Sei bem que não há país real para minha nostálgica melancolia. Americano, o sou aos olhos da história, sem dúvida, e daí? Minha parte misteriosa e ameaçada não é desse mundo medido, enclausurado; ela não pertence ao cadastro. Mal se prende nas palavras que a cantam e figuram. (*DII*, 105-106)

Tal consciência de pertencimento à América, suscetível de ser experimentada além das fronteiras e sempre fora delas, permite a Brault assimilar rostos e paisagens tão diferentes quanto os de Kerouac, atraído pelo Oeste estadunidense, ou de Van Gogh, deslumbrado pelo sul da França. Para Laforest, uma mesma perspectiva do espaço americano como território de trocas culturais inéditas permite associar um André Breton atravessando a Gaspésia a um Saint-John Perse, que ele lia em Moscou, ao mesmo tempo que estudava Marx e a economia política em *O Capital*, para, em seguida, trocar pela revolução no Haiti. Frequentemente rechaçada no discurso literário quebequense sobre a americanidade, a Europa e sua cultura tornam-se, assim, nessas cartas, um “espaço potencial”, o da memória e da mobilidade imaginária onde a identidade plural pode se afirmar.

Ao fim desse percurso, podemos afirmar que, antes de mais nada, o que surpreende nessa correspondência é que ela comunica uma intersubjetividade que traça os contornos de um encontro intercultural a partir das culturas individuais, e não de acordo com a especificidade de uma cultura nacional ou minoritária da qual os escritores seriam “representantes”. Se para os escritores de origem haitiana a experiência da migração é o indício privilegiado do encontro com o outro, não sendo nem distópica nem utópica, ela não idealiza a diferença através de uma aproximação “vitimária” (que busca uma identidade de condição de cada minoritário) ou “exótica” (que coloca no mesmo plano o nortismo de uns e a tropicalidade de outros). Contrariamente a um certo *topos* fixo da clivagem identitária,

do dilaceramento entre o aqui e o lá, o país deixado e o país de adoção, esse encontro é, sobretudo, marcado pela mistura de lembranças, ideias e imagens literárias, por uma confrontação de passos criativos. Ele mostra, por fim, uma situação verdadeiramente “pós-exílica” do escritor haitiano em diáspora quebequense, ali onde a necessidade de escuta e o diálogo permitem compreender o que entra de alteridade em toda identidade, conforme uma lógica da relação e da variação que traduz, em primeiro lugar, uma experiência individual e artística.

Tradução de Luciana Ambrósio

Revisão de Eurídice Figueiredo

Notas

- ¹ Embora o termo “exílio” não abarque por completo o sentido do neologismo “*ex-île*”, empregado no título original em francês, optamos por essa tradução como a mais satisfatória, uma vez que a língua portuguesa não permite, através de sua tradução literal (“*ex-ilha*”), o duplo sentido, tal como ocorre em francês (tanto “*exílio*” quanto “*ex-ilha*”). (N.T.)
- ² Texto de uma comunicação apresentada no XI Congresso Internacional da ABECAN, “20 anos de Interfaces Brasil-Canadá”, realizado em Salvador (Bahia), de 24 a 26 de outubro de 2011. O texto, inicialmente redigido em francês e levemente modificado, será publicado em uma obra coletiva, *Le roman migrant contemporain au Québec et en Scandinavie: performativité, conflits signifiants et créolisation* (sob organização de Svante Lindberg e Claus Madsen).
- ³ Professor titular no Instituto de estudos românicos da Universidade de Varsóvia onde dirige, desde 1997, o Centro de estudos de civilização canadense-francesa e de literatura quebequense.
- ⁴ Na ocasião de uma “*Journée d’étude*”, organizada por Lise Gauvin em 11 de fevereiro de 2011 e dedicada ao acervo Émile Ollivier da Université de Montréal, Isao Hiromatsu apresentou seu trabalho sobre a correspondência inédita de Ollivier com seus editores.
- ⁵ *Dialogue d’île en île. De Montréal à Haïti*. Montréal: Les Éditions du CIDIHCA et Radio-Canada 1996 (daqui em diante a sigla *DII*, seguida do número da página, será colocada entre parênteses no texto).
- ⁶ Ver Michel Morin, Claude Bertrand: *Le territoire imaginaire de la culture*. Montréal: Hurtubise HMH 1979; Pierre Nepveu: *L’écologie du réel. Mort et naissance de la littérature québécoise contemporaine*. Montréal: Boréal 1988; Simon Harel: *Le voleur de parcours: identité et cosmopolitisme dans la littérature québécoise contemporaine*. Montréal: Le Préambule 1989 (coll. «l’Univers des discours»); Sherry Simon et al.: *Fictions de l’identitaire au Québec*. Montréal: XYZ éditeur 1991; Sherry Simon: *Le trafic des langues. Traduction et culture dans la littérature québécoise*. Montréal: Boréal 1994.
- ⁷ Ver Anna Paola Massoto com a colaboração de Jean-François Plamondon (éd): *Le projet transculturel de “Vice Versa”. Actes du Séminaire international du CISQ à Rome (25 novembre 2005)*. Bologna: Edizioni Pendragon, 2006.

- ⁸ Ver Nareau, Michel: "La perspective interaméricaine des passeurs culturels haïtiens au Québec. Les exemples de Jean Jonassaint et d'Edgard Gousse". In: Marie Carrière et Jerry White (dir.): *Transplanter le Canada: Semailles/Transplanting Canada: Seedlings*. Edmonton: Canadian Literature Center/Centre de Littérature Canadienne, coll. "Cahiers du CLC Studies 1", 2009, 20-27 et Józef Kwaterko: "Revues culturelles des immigrants haïtiens en diaspora québécoise: conditions d'émergence et quête de légitimité". In: Klaus-Dieter Ertler, Martin Löschnigg, Yvonne Völkl (eds./ed.), *Cultural Constructions of Migration in Canada/Constructions culturelles de la migration au Canada*, Frankfurt am Main-Berlin-Bern-Bruxelles-New York-Oxford-Wien: Peter Lang 2011, 213-227 (coll. "Canadiana", n° 9).
- ⁹ Como constata Pierre Nepveu a esse respeito: "Entretanto, o sul não vem somente acrescentar um outro polo excêntrico e exótico à aventura do Novo Mundo. [...] O sul torna-se uma figura de nosso interior, uma realidade que vem habitar nosso domínio, interrogá-lo, mudá-lo. [...] No Quebec, é pela imigração haitiana que se produz, principalmente, essa transferência [...]. [...] através do Haiti, pela primeira vez uma imigração *americana*, de ascendência africana e de cultura forçosamente sincrética, investe nosso nordeste e trabalha por dentro o lugar montrealense, o dissemina, o tropicaliza, o matiza de signos abundantes e contraditórios". Pierre Nepveu: *Intérieurs du Nouveau Monde. Essais sur les littératures du Québec et des Amériques*. Montréal: Boréal 1998, 329-333 (em itálico no texto).
- ¹⁰ Entre o inverno de 1987 e o inverno de 1990, a conjuntura social e política dos dois países foi marcada por acontecimentos de peso: no Quebec, a morte de René Levesque e a volta ao poder do Partido Liberal, o insucesso do acordo do lago Meech, a crise ameríndia em Oka e Kahanaweke; no Haiti, a queda do regime de Jean-François Duvalier (o "Bébé doc"), a promulgação da nova constituição, as violências diante da sabotagem das eleições legislativas e presidenciais por antigos duvalieristas, a chegada ao poder do antigo padre e líder populista Jean-Bertrand Aristide.
- ¹¹ Trata-se do papel figurativo do "escritor público", ao mesmo tempo solitário e adotando várias identidades, das quais falará com insistência Émile Ollivier em seus ensaios *Repérages* (2002) e em seu romance, *La Brûlerie*, publicado postumamente em 2004.
- ¹² Sobre a fascinação de vários escritores e artistas quebequenses, ver Sylvano Santini "La 'bâtardise' de Patrick Straram. La gauche culturelle au Québec dans les années 1970 et ses suites", *Globe. Revue internationale des études québécoises*, vol. 14, n° 1, 2011, 53-75.
- ¹³ Não me estenderei aqui sobre a troca entre Paul Chamberland e Serge Legagneur, de janeiro a março de 1989, que prolonga sua discussão anterior sobre o slogan "Poètes à vos ames". Esse slogan, que serve de estopim para o envio da primeira carta, motiva uma correspondência bastante premeditada, pois realizada em uníssono e dissimulando uma retórica libertária dos temas já largamente explorados: a recusa à concepção romântico-religiosa da "alma" que serviu para fins nacionalistas e etnocentristas no século XIX, a armadilha da poesia engajada diante da irremediável falência das ideologias revolucionárias, assim como a necessidade de vigilância do poeta frente às ambiguidades entre "almas" e "armas", entre a exigência didática e ética em que pressentiam o perigo e o recurso às "armas miraculosas" da dicção poética, aberta ao outro em si e fechando os segredos de uma persistente liberdade, ao modo da poesia de Aimé Césaire, Paul Célán e Osip Mandelstam.

Referências

Dialogue d'île en île. De Montréal à Haïti. Montréal: Les Éditions du CIDIHCA et Radio-Canada 1996.

HAREL, Simon. *Le voleur de parcours: identité et cosmopolitisme dans la littérature québécoise contemporaine*. Montréal: Le Préambule 1989 (coll. «l'Univers des discours»).

KWATERKO, Józef. “Revue culturelle des immigrants haïtiens en diaspora québécoise: conditions d'émergence et quête de légitimité”. In: Klaus-Dieter Ertler, Martin Löschnigg, Yvonne Völkl (eds./ed.), *Cultural Constructions of Migration in Canada/Constructions culturelles de la migration au Canada*, Frankfurt am Main-Berlin-Bern-Bruxelles-New York-Oxford-Wien: Peter Lang 2011, 213-227 (coll. “Canadiana”, n° 9).

MASSOTO, Anna Paola Massoto avec la collaboration de Jean-François Plamondon (éd): *Le projet transculturel de “Vice Versa”. Actes du Séminaire international du CISQ à Rome (25 novembre 2005)*. Bologna: Edizioni Pendragon, 2006.

MORIN, Morin et BERTRAND, Claude. *Le territoire imaginaire de la culture*. Montréal: Hurtubise HMH, 1979.

NAREAU, Michel: “La perspective interaméricaine des passeurs culturels haïtiens au Québec. Les exemples de Jean Jonassaint et d'Edgard Gousse”. In: Marie Carrière et Jerry White (dir.): *Transplanter le Canada: Semaines/Transplanting Canada: Seedlings*. Edmonton: Canadian Literature Center/Centre de Littérature Canadienne, coll. “Cahiers du CLC Studies 1”, 2009, 20-27.

NEPVEU, Pierre. *L'écologie du réel. Mort et naissance de la littérature québécoise contemporaine*. Montréal: Boréal 1988.

_____. *Intérieurs du Nouveau Monde. Essais sur les littératures du Québec et des Amériques*. Montréal: Boréal 1998, 329-333.

OLLIVIER, Émile. *Repérages*. Montréal: Leméac, 2002.

_____. *La Brûlerie*. Montréal: Boréal, 2004.

SANTINI, Sylvano. “La ‘bâtardise’ de Patrick Straram. La gauche culturelle au Québec dans les années 1970 et ses suites”, *Globe. Revue internationale des études québécoises*, vol. 14, n° 1, 2011, 53-75.

SIMON, Sherry et al. *Fictions de l'identitaire au Québec*. Montréal: XYZ éditeur 1991.

_____. *Le trafic des langues. Traduction et culture dans la littérature québécoise*. Montréal: Boréal 1994.